

# HOMEMULHER: NOSSOS OSSOS NEGROS DE BREU/LUZ

Dagoberto José FONSECA \*  
Simone de Loiola Ferreira FONSECA \*\*  
Tarcísia Emanuela Teixeira DE JESUS \*\*\*

- **RESUMO:** Este artigo visa abordar, de modo analítico, interpretativo e reflexivo, o papel da literatura negra e da intelectualidade que a produz na sociedade brasileira, bem como o lugar sociocultural da resistência/existência nesse processo criativo, especialmente na trajetória dinâmica e nada linear da construção da identidade e da memória negras. Para tanto, buscamos no último Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros, ocorrido no ano de 1987, no SESC de Petrópolis (RJ), nossa referência teórica, epistêmica e literária. Esse é o desafio do homem e da mulher negros na sociedade brasileira, isto é, informar, denunciar, anunciar e inspirar, por meio do que escrevem, como sempre escreveram e inspiraram tantos outros, como Gregório de Matos e Jorge Amado no tempo passado, ao elaborar uma literatura também sobre o negro, com base em experiências pretéritas, que os fizeram, por linhas tortas, denunciar a violência transparente existente no passado alvo deste país escravista, racista, machista, criminoso e xenófobo até com o nativo da terra e sobremaneira com aqueles que o construíram do subsolo até o mais alto e luxuoso dos arranha-céus das avenidas Vieira Souto (RJ) e Paulista (SP) e a própria Esplanada dos Ministérios (DF).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Colonialismo. Literatura do/sobre o negro. Literatura negra. Racismo. Resistência.

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – dagobertojose@gmail.com.

\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – sferreira77@gmail.com.

\*\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – tarcisiaemanuela@gmail.com.

"O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

## OSsOs NEGROS<sup>1</sup>

O homem vive das letras,  
só/sol/solda  
da palavra/pensamento  
amálgama/cimento  
que nascem dentro dele/nele/ELE/  
eu/teu/DEUS/  
EX-US/NÓS/

### OSSOS NEGROS De breu

A arte de escrever é a arte de deixar-se sair de si, de expressar-se pela mão, daí falarmos literalmente manifestar-se<sup>2</sup> pelo pulso, pela mão, pelo desejo de fazer-se humano entre os humanos, à medida que realizamos nosso trabalho intelectual-manual solitário, solidário e ao mesmo tempo coletivo e plural, pois usamos diferentes e diversas máscaras-facetadas da realidade social e imaginária.

### Literatura negra?

Muitos poderão nos perguntar, sem nenhuma preocupação, inocência ou respeito, se a literatura negra existe. Teremos de dizer, sem parcimônia nem despeito por nosso interlocutor, que essa modalidade, forma estética, militante e ativista existe em diversas das sociedades que foram atravessadas pela mácula do escravismo, do racismo, do colonialismo ou por políticas institucionais violentas, que atingiram também aqueles que possuem diferentes crenças e relações com os sagrados.

A literatura negra tem uma razão de existir que está vinculada a questões objetivas, reais e que, cotidianamente, pautam a sociedade brasileira há muito tempo. No entanto, ela não pode ser confundida com uma literatura menor ou uma subliteratura, oriunda de uma população que se encontra nos subterrâneos da sociedade. Tampouco é uma literatura marginal, posto que ela não está à margem. Ela é central na vida dos muitos sujeitos que a produzem dentro e/ou fora dos espaços reconhecidos publicamente.

Nesse sentido, a literatura negra é e tem sido produzida por negros e negras que se ocupam de fazê-la artesanal, manual e intelectualmente, a fim de dizerem o

---

<sup>1</sup> Poema criado por Dagoberto José Fonseca exclusivamente para este dossiê temático.

<sup>2</sup> A etimologia da palavra “manifestar” é de origem latina, sendo o composto de “mão” ou “mãos” (*mano, manus*) e com a variante de “*fendo*”, “*fendere*”, isto é cortar, findar. Em suma, “manifestar-se” é tornar patente e palpável.

que são, o que sentem, o que pensam e como creem que a vida seja possível hoje e amanhã, sem perderem o fito do que foi o ontem. Eles e elas não temem falar ao mundo o que querem e desejam, pois enfrentam a diversidade de pensamento antes de nascerem e as adversidades assim que nascem. A literatura negra é feita de sangue, saliva e suor, a SSS da literatura negra, uma arte de atitude e de posicionamento no mundo, como nos brinda Arnaldo Xavier:

E que esta Linguagem seja exatamente  
o sentido (quizilista), o gesto (xangótico), a  
sugestão (ebólica), a careta (quilombística), a  
escrita (exuística) que o corpo do Negro aponta  
de forma própria e irreversível  
(XAVIER, 2004, n. p.).

Ser negro/negra e querer ser reconhecido(a) assim publicamente, em uma sociedade multiformemente violenta como a brasileira, não é só um desafio ao senso comum, é também o enfrentamento daqueles que se dizem donatários do senso crítico, ou melhor, das obviedades sociais já registradas em cartório. Ser e querer ser negro/negra no Brasil é um ato político da maior envergadura, pois é quase um pedido para ser parte das estatísticas do mapa da violência e não sucumbir ao medo, à covardia, ao embranquecimento.

### **Torpedo**

irmão, quantos minutos por dia  
a tua identidade negra toma sol  
nesta prisão de segurança máxima?

[...]

irmão, diz à tua identidade negra  
que eu lhe mando um celular  
para comunicar seus gemidos  
e seguem também  
os melhores votos de pleno restabelecimento  
e de muita paciência  
para suportar tão prolongada pena  
de reclusão.

[...]

um grande abraço  
deste teu irmão de presídio  
assinado:  
zumbi dos palmares  
(CUTI, 2004, p. 28-30).

Este é o grito e também a última prece de Frantz Fanon (2008, p. 191) – “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione” – e de denúncia, como o fez Ralph Ellison no clássico *Homem invisível* (1990), porque o negro não foi extinto, como gostaria João Batista de Lacerda no início do século XX e que continua a ser o desejo de uma dada elite social, econômica e política no Brasil.

Dito dessa forma, com um papo reto e sem meneios, a literatura negra não pode ser confundida com uma literatura do negro pura e simplesmente, pois nem todos os que são negros ou negras produzem uma arte literária que tem como foco a contestação, a denúncia da violência, a luta por direitos sociais, políticos e civis para si e para todos os outros, independentemente da cor da pele, da crença, da história que carregam em seus corpos.

A literatura negra não é intimista, ela é explosiva, tem em seu centro motor a revolta, aquela tão bem refletida em *O homem revoltado*, de Camus (1996 [1951]), e tão presente na obra de Luiz Silva (Cuti):

### **exploVIVO**

[...]  
o sol brota rasgando a terra socada  
pela autoridade das botas  
[...]  
mínima é a cota  
justos são os juro da conta e a conta  
trotando de outros tempos pelas ruas  
[...]  
a cidade se entoca e não entende  
que a televisão já invadiu a favela, o cortiço, a maloca  
e o quilombo prepara o seu cerco  
a partir do centro revolto  
do desespero.  
(CUTI, 2004, p. 26).

Ela não é uma literatura do ódio e da raiva, pois não porta consigo a imobilidade, ou verdades fechadas e estáticas, mas o movimento, o ritmo do berimbau, do samba, do pulsar do coração-tambor, etc. Diferentemente da literatura do negro

que faz uma literatura não engajada, não militante, isto é, descomprometida com sua realidade social. Muito se pode confundir e muitos tentam confundir a literatura negra de Cruz e Sousa com a literatura do negro. Querem imputar a ele, o príncipe do Simbolismo brasileiro, a pecha de não denunciar a realidade social que experimentava cotidianamente.

Diz-se, infelizmente, que Cruz e Sousa elaborava uma literatura simbolista do escapismo, do etéreo, dissociada de seu tempo social, em que ainda imperava o escravismo. Não é verdade, pois, quando lemos “O emparedado”, publicado em 1889, fica nítido seu envolvimento com a luta abolicionista e seu senso de pertencimento ao continente africano. Esse poema é o mais conhecido dele nesse contexto de luta e denúncia social, mas não é o único. Esquece-se ou ignora-se, ou ainda nega-se a muitos conhecer “Livre!”, que está contido em *Últimos sonetos*, obra publicada postumamente, em 1905, e “Escravocratas”, que está presente em *O livro derradeiro*, também publicado após sua morte, em 1945, e expandido em 1961. Salientamos, ainda, dois trechos de poemas que fazem parte de *O livro derradeiro*, intitulados “Entre a luz e sombra” e “Sete de Setembro”, os quais acusam o fato de que o dia 7 de setembro de 1822 não completou a independência da nação e que há muito a ser feito para tornar livres o Brasil e os brasileiros, especialmente dos “escravocratas”, que mantêm o escravismo.

### **Livre!**

Livre! Ser livre da matéria escrava,  
Arrancar os grilhões que nos flagelam  
E livre, penetrar nos Dons que selam  
A alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

[...]

Livre! bem livre para andar mais puro,  
mais junto à Natureza e mais seguro  
Do seu amor, de todas as justiças.

[...]

(CRUZ E SOUSA, 1981, p. 123).

### **Escravocratas**

[...]

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas  
Ardentes do olhar – formando uma vergasta  
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,  
E vibro-vos a espinha – enquanto o grande basta

[...]

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,  
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,  
Castrar-vos como um touro – ouvindo-vos urrar!  
(CRUZ E SOUSA, 1981, p. 235).

### **Entre a luz e sombra**

[...]

Assim, Brasília coorte,  
Falange excelsa de obreiros,  
Soberbos, calmos luzeiros  
De nossa gleba gentil,  
Quebrai os elos d'escravos  
Que vivem tristes, ignavos,  
Formando delas uns bravos  
– P'ra glória mais do Brasil!...

[...]

Enfim! ... os vales soluçam  
enfim! ... os mares rebramam  
enfim! Os prados exclamam  
já somos livre nação!!...  
Quebrou-se a estátua de gesso ...  
Enfim! ... – mas não ... estremeço,  
vacilo ... caio, emudeço...  
Enfim de tudo inda não!!...  
(CRUZ E SOUSA, 1981, p. 123).

### **Sete de Setembro**

[...]

Muito embora Rio Branco,  
esse cérebro profundo  
que passou por entre o mundo,  
do Brasil como um Tupã!...  
Muito embora em catadupas  
derramasse o verbo augusto,  
da nação no enorme busto  
inda a mancha existe, há!...

[...]

Eia! Sim! – p’ra Liberdade  
irrompei qual verbo eterno,  
como o – Fiat – superno  
pelos ares a rolar!  
Eia! Sim! – que nossa pátria  
só precisa – mas de bravos ...  
e em prol desses escravos  
seu dever é trabalhar!!...  
(CRUZ E SOUSA, 1981, p. 237).

Cruz e Sousa (1981), Luís Gama (2012) e Castro Alves (1974) foram negros abolicionistas, que fizeram poesia libertária dentro do contexto poético-social de sua época. O eu lírico deles, assim como o de autores da literatura negra contemporânea, como Fonseca (1987), é um eu coletivo, portanto um nós indubitável, que fala de sua cultura, de sua história e de sua reivindicação:

### **Casa BRanca**

Eu num vejo a casa grandi  
Eu que moro no quinta  
Eu num vô nem qui mi mandí  
Eu num quero lá ficá.  
Casa grandi qui mi agarra  
Numa força di amargá  
Cortano braço e perna  
Cu meu sangui a esparramá.  
Casa grandi fica longi  
I meu canto disfalicido  
Num é ouvido pur lá.  
Casa grandi diz sê liberdadi

Mai num iscuito isso não  
Casa grandi é parasita  
das malmita dos irmão.  
Casa grandi é avi di rapina  
Casa grandi vivi  
Enquanto nós subrivivi  
Casa grandi bica  
a minha a sua ruína.  
Casa grandi mata o omê  
na guerra na fomi  
eu morro tamém nessa matança  
mai num faço aliança  
a ocê Casa grandi.  
Casa grandi compra arma  
minha arma compra não  
minha arma num tem preço  
é um telço di verdade  
é o sinar da minha identidadi  
qui ninguém bota a mão.  
(FONSECA, 1987, não paginado).

A literatura negra somente pode ser concebida como uma literatura que traz o eu lírico de maneira coletiva, plural, a ponto de se colocar na condição de ser uma literatura **com o** negro, e não **do** negro nem **sobre o** negro, mas enfaticamente **com o** negro, inseparável de cor, consciência e destino. Posto que, quando ela fala em um “eu”, aborda-se uma comunidade inteira, a parte da humanidade que é vítima do cancro do racismo e que também foi vítima do escravismo, como frisou Cruz e Sousa (1981) nos diversos poemas referenciados anteriormente.

Vale mencionar, sem adentrar nos detalhes ou fazer quaisquer aprofundamentos aqui, que a literatura sobre o negro é espelhada, por exemplo, nas personagens criadas pelas obras de Jorge Amado, seja em *Tenda dos milagres* (2008), *Gabriela, Cravo e Canela* (2012), *Tereza Batista cansada de guerra* (2008) e especialmente em *Capitães da Areia* (2009), obra que em 2017 completou 80 anos de sua publicação. Já nessa época (década de 1930), o autor discutia a situação de abandono e marginalidade em que se encontrava a população infantil e adolescente da maioria das cidades brasileiras, em particular as do litoral baiano, bem como a necessidade de se construírem políticas sociais para atender essa população. Mas o que se pode constatar é que essa parcela da sociedade se encontra até hoje em condição de vulnerabilidade e em nítido conflito com a lei, como foi apontado nos estudos de Ferreira (2007; 2010), isso porque os órgãos de Justiça, amparo e bem-estar social do menor não tomaram providências nesse sentido e as atuais fundações e governos



não têm se empenhado em solucionar esse problema social, mesmo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) em plena vigência.

Jorge Amado não é propriamente um negro autodeclarado e tampouco é assim reconhecido socialmente, mas escreveu grande parte de sua obra tendo os negros como personagens centrais e/ou coadjuvantes de seus enredos e tramas literários. Isto é, falou pelos outros, de forma correta ou caricata, o que caracteriza sua produção literária como uma literatura sobre o negro. Não sendo desonestidade intelectual, muito pelo contrário, no caso de Amado foi uma tentativa de falar sobre as mazelas, os desafios e os sentimentos quando se entendia que não havia literatos negros, romancistas que pudessem abordar esses temas tão importantes e necessários para aquele momento do Nordeste em geral e da Bahia em particular.

Nesse sentido, não se pode esquecer nem negligenciar que, em *Capitães da Areia*, Jorge Amado revela um traço marcante de seu viés político-ideológico: membro que era do Partido Comunista Brasileiro, sua obra tinha, portanto, a função de denúncia social, de apontar a exploração e a expropriação que o capitalismo exercia também sobre a infância e a adolescência, inclusive privando meninos, meninas e jovens de uma fase fundamental de nossa existência, cerceando-lhes a possibilidade de serem crianças e adolescentes. Muito embora não enxergasse aqueles meninos (os “capitães”) como fruto do racismo, da discriminação racial, viamos como um problema estrutural advindo das relações e das situações discrepantes que as classes sociais vivem no Brasil desde o período colonial.

Os produtores e fazedores dessa literatura – a do negro – elaboram os poemas, as prosas, os contos e os romances inseridos em contextos sociais mais amplos. Ora, se isso é verdadeiro, temos de considerar que grande parte da literatura brasileira produzida nos últimos 500 anos tem uma marca-memória<sup>3</sup> centrada nesse passado e insuperável até o momento, porque o escravismo deixou uma cicatriz funda em todo o povo e também na elite intelectual, política, econômica e cultural de nosso país.

A literatura só faz sentido, só encontra significado e só faz eco no seio e na alma do povo se estiver intimamente vinculada à história sociocultural e ao registro psicanalítico-mental desse mesmo povo, como nos aponta, em certo sentido, Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1993) e *Literatura e resistência* (2008). O poeta, o prosador, o contista e o romancista não escrevem, não produzem desvinculados de sua época, por mais épica ou menos épica que ela possa resultar. Seu tempo faz dele uma antena de recepção e difusão, dado que ele é filho e filtro do tempo histórico.

---

<sup>3</sup> Marca-memória é um conceito trabalhado pelo autor Dagoberto José Fonseca em sua tese de doutoramento – *Negros corpos (i)maculados: mulher, catolicismo e testemunho* –, defendida no ano 2000 e publicada pela Novas Edições Acadêmicas em 2015.

Dito dessa forma, consideramos que grande parte da obra poética de Gregório de Matos, a partir de seu registro fotográfico e ideológico, está assentada na vida e na realidade social da população africana e negra presente na sociedade soteropolitana do século XVII, que se destaca igualmente na obra de Castro Alves, que retrata a mesma sociedade em um período histórico-cultural posterior ao de Gregório.

### **Epílogos**

[...]

3

Quais são seus doces objetos? ... Pretos  
Tem outros bens mais maciços? ... Mestiços  
Quais destes lhe são mais gratos? ... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
dou ao demo a gente asnal,  
que estima por cabedal  
Pretos, Mestiços, Mulatos.

[...]

(MATOS, 1985, p. 95).

### **Navio negreiro**

...

5<sup>a</sup>

São os filhos do deserto  
Onde a terra esposa a luz.  
Onde voa em campo aberto  
A tribo dos homens nus ...  
São os guerreiros ousados,  
Que bom os tigres mosqueados  
Combatem na solidão ...  
Homens simples, fortes, bravos ...  
Hoje míseros escravos  
Sem ar, sem luz, sem razão ...  
(ALVES, 1974, p. 146).

Cada autor, no entanto, é movido por aspectos ideológicos e sentidos diferentes: Matos faz uma literatura do negro e sobre o negro em que este é retratado de maneira jocosa, caricatural e preconceituosa, enquanto Alves faz uma literatura negra que aponta para um nítido projeto político voltado para a liberdade e

denuncia o crime que é a escravidão, cometido por pessoas, governos e pelo próprio Estado brasileiro, o Império, embora a Lei Eusébio de Queiroz já tivesse declarado o fim do tráfico de africanos para o Brasil na condição de escravizados em 1831, o que somente parou de ocorrer oficialmente em 1850. Daí que até as reivindicações políticas e as características semânticas que pontuam as obras desses escritores são opostas, muito embora ambos façam de suas literaturas um espaço de denúncia das violências perpetradas pelo sistema escravista implantado no Brasil por europeus claros, brancos ou quase brancos, como nos informa o também soteropolitano Luís Gama no texto “Quem sou eu?”<sup>4</sup>.

### **A literatura negra e a intelectualidade**

A literatura negra no Brasil tem de ser concebida, obrigatoriamente, com base na relação dessa produção artística com a história sociocultural brasileira, pois está intimamente vinculada ao processo, ao sistema e ao ideário escravistas que foram instalados de fora para dentro naquela que se tornaria a sociedade nacional do século XVI ao XIX, que teve e ainda tem repercussões sociais em todos os setores, segmentos, camadas, extratos e classes econômicas e políticas do país e tem influenciado sobremaneira nossas relações étnico-raciais, sexuais, religiosas, profissionais, educativo-culturais e psíquicas.

A literatura negra, como qualquer outra forma de expressão literária, não está fora do tempo. Ela se inscreve no tempo histórico-cultural e no espaço sociogeográfico de diversos grupos sociais, criando uma comunidade de sentido e forjando um território de diálogos e saberes com base nos signos, significados e símbolos que articula, especialmente a partir do ato de pensar e transmitir conhecimentos e sentimentos àqueles que estão ao redor dos falantes e escritores.

Dessa maneira, ela não é uma literatura particular, própria do segmento negro brasileiro, mas de diversos outros negros espalhados pelo planeta. Não à toa mencionamos literatos negros dos Estados Unidos, como Ralph Ellison (1990), James Baldwin (1986), Alex Haley (1976), Richard Wright (1987) e Toni Morrison (2009), como autores importantes e que escreveram dentro de um contexto particular, tendo como base principalmente o que foi e é o racismo nos Estados Unidos da América do Norte. Todavia, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, mas também na França, vamos encontrar editores e escritores da revista *L'Étudiant Noir*, tais como Léon Damas, Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, abordando temas como a condição colonial que seus povos estão vivendo sob o jugo francês. Eles denunciam a violência física, mas também a mental, que atinge o imaginário e a psique daqueles africanos e latino-caribenhos que estão sob essa condição. São

---

<sup>4</sup> GAMA, Luís Gonzaga Pinto da. Quem sou eu? In: FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?** A piada, o riso e o racismo à brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 126-128.

eles que vão cunhar em suas obras literárias o conceito de negritude, abordado por Kabengele Munanga (1988) e por Jean-Paul Sartre (1960).

O que se constata é que a literatura negra brasileira, a estadunidense e a francesa caracterizam-se por três aspectos fundamentais. O primeiro é o papel do negro como produtor de uma forma de se dirigir ao mundo via escrita, e não mais por meio de sua tradicional oralidade, como aquela presente no continente africano, ou, ainda, aquela que marca as pessoas analfabetas, destituídas do poder da escrita. O segundo é que essa população é formada por jovens e estudantes, com espírito crítico e revolucionário, que querem pensar não apenas na raça, mas na complexa teia de relações sociais que envolvem também o gênero, a religião, a economia, a política, a cultura, o amor, a vida em sociedade de desiguais e diferentes. O terceiro é que esses escritores não somente são literatos, no maior sentido do termo, mas são também, sobretudo, intelectuais de seus grupos de referência.

Como intelectuais, organizam suas ideias e as dos outros que os cercam. Gramsci (1982) os chamou de “intelectuais orgânicos”, nós os denominamos de intelectuais engajados na militância política, que fazem de sua arte literária armas poderosas. Esse quadro de valores conceituais que aqui apontamos de maneira sucinta nos faz justamente pensar de antemão no papel que a literatura negra produzida por esses homens e mulheres desempenhou e ainda desempenha: no Brasil, contribuíram outrora para o fim da escravatura e, hoje, para a conquista de algumas políticas sociais; nos Estados Unidos da América, com a luta pelos direitos civis e pelo fim das Leis Jim Crown. É inegável e colossal o que essas literaturas juntas produziram para propiciar a independência dos países africanos entre as décadas de 1950 e 1970.

Daí a contribuição também de Agostinho Neto, poeta, intelectual e médico que usou e abusou da literatura para expressar valores, sentimentos e esperanças ao povo angolano, incentivando-o para a liberdade, por isso ele se tornou o primeiro presidente da Angola independente.

### **Civilização ocidental**

Latas pregadas em paus  
fixados na terra  
fazem a casa

Os farrapos completam  
a paisagem íntima

O sol atravessando as frestas  
acorda o seu habitante

Depois as doze horas de trabalho escravo

Britar pedra  
acarretar pedra  
britar pedra  
acarretar pedra  
ao sol  
à chuva  
britar pedra  
acarretar pedra

A velhice vem cedo

Uma esteira nas noites escuras  
basta para ele morrer  
grato  
e de fome.  
(AGOSTINHO NETO, 1985, p. 31).

Sem mencionar o papel da literatura engajada, militante e negra de José Craveirinha e Noémia de Sousa para a independência de Moçambique, entre outros casos que estão no centro da luta dos países africanos por autonomia política em relação às potências europeias.

Os poetas-intelectuais negros e da negritude, como os denominamos após o movimento de Paris, com a revista *L'Étudiant Noir*, propuseram uma concepção e uma estética novas para a produção literária na primeira metade do século XX e que foi aprofundada na segunda metade do mesmo século. Hoje, em pleno século XXI, o mundo editorial brasileiro, por exemplo, aclama autores e autoras como Chinua Achebe (1983), Chimamanda Ngozi Adichie (2011) e Paulina Chiziane (2004), o que representa um grande despertar dessa literatura negra engajada, intelectualizada e de denúncia das atrocidades e repercussões do colonialismo no continente africano.

Todavia, as editoras comerciais e mesmo as universitárias – estas em sua maioria públicas, pois estão vinculadas às universidades públicas – não conseguem contemplar no cenário nacional a presença dos muitos escritores – poetas, contistas, prosadores – que há décadas vêm produzindo uma literatura tão importante para nossa realidade social, com trabalhos que descortinam os racismos e outras mazelas e patologias que se enraizaram fortemente na sociedade brasileira.

Talvez, e somente talvez, o apagamento, o não reconhecimento da importância de uma literatura negra local/nacional de resistência intelectual se deva ao fato de ela ser considerada uma manifestação panfletária, sem estética nem valor artístico.

Entendemos, porém, que essa não é a hipótese verdadeira, mas a que insiste em não aceitar que os negros e negras de nosso país produzam uma literatura negra que não abaixa a cabeça para o *status quo*, que insiste em proclamar o Brasil como o celeiro da democracia racial, social, de gênero e do respeito a todas as crenças.

A literatura negra brasileira revela o que está escondido ou que se tenta esconder do grande público ou dos ingênuos que vêm para cá fazer turismo e ver a alegria e a hospitalidade de nossa gente. É essa literatura negra nacional que é negada nas grandes e famosas feiras literárias e nas academias de Letras, justamente por exporem uma arte que denuncia e incomoda o que aparentemente está certo.

Essa mesma literatura tradicional do inconformismo, da resistência, da revolta, da oralidade negra também foi capturada intelecto-mentalmente por Carolina Maria de Jesus (2015) já na década de 1950, no registro que ela fez da condição de pobreza e miséria em que vivia em São Paulo, assim como muitos, mesmo estando na região central da cidade. Contemporaneamente, são os movimentos da juventude negra – como o *rap* e o *funk* – da periferia das grandes e médias cidades, não só no Brasil como também nos Estados Unidos da América e em outras partes do mundo, que elaboram uma poesia cantada, ritmada pelos sem voz, sem vez, sem direitos e sem nome, geralmente jovens e adolescentes negros, que denunciam a violência que os atinge cotidianamente e que são abordados pelas polícias, aquelas que deveriam os proteger, mas que os veem apenas como seres suspeitos, perigosos; alguns, inclusive, em decorrência de um perigo construído desde a Lei do Ventre Livre, hoje são parte das estatísticas dos mapas da violência.

Tanto Carolina Maria de Jesus como os jovens e adolescentes do *rap* e do *funk* são agentes culturais, porque organizam a vida social de suas comunidades e grupos de interesse e de afeto; são negros que estão na periferia do poder político-econômico, vistos e queridos por uns como heróis do asfalto e dos becos e temidos e odiados por outros como apenas bandidos; e são também intelectuais, pois não deixam de produzir suas rimas, suas letras, sua arte oral e de denunciar as mazelas da sociedade de consumo, do mundo das drogas, da violência intestina em que são mergulhados desde o momento em que nasceram negros, alguns mais pobres que outros, mas todos pobres.

### **A literatura negra brasileira: a identidade-memória**

Geração após geração, o que se verifica é que a produção da literatura negra brasileira está em um longo processo de continuidade e permanência. Não há descontinuidade, tampouco rupturas históricas e culturais, desde o Simbolismo de Cruz e Sousa até as obras contemporâneas dos diversos membros do coletivo cultural Quilombhoje, entre os quais se destacam Cuti e Esmeralda Ribeiro, e de muitos literatos negros e negras, a saber: Abílio Ferreira, Arnaldo Xavier, Terezinha Malaquias, Oubi Inaê Kibuko, Éle Semog, Jamu Minka, Elisa Lucinda, Geni

Guimarães, Oliveira Silveira e os membros do Grupo Palmares, mentores do 20 de novembro como feriado nacional e responsáveis, mais recentemente, pelo espaço conquistado no cenário social em inúmeras cidades e periferias do país para que os diferentes coletivos de negros e negras pudessem realizar seus encontros e saraus em prol da rima e do verso bem construído.

Trata-se da continuidade e da permanência de uma manifestação cultural e artística que preza a literatura como expressão viva da arte de protesto, de revolta, de sentimentos variados que falam do impacto dos racismos; das violências sutis, simbólicas e físicas; da eliminação de sonhos e de pessoas; dos amores, do erotismo e da sensualidade como parte da vida social de pessoas comuns, etc.

As categorias analítico-interpretativas da História Sociocultural, da Antropologia e da Sociologia nos dão base para entendermos que a literatura negra carrega consigo a marca-memória dos sentimentos de repúdio, indignação e revolta pelo passado escravista, bem como pelos frutos podres e malcheirosos dos racismos que foram sendo germinados na sociedade brasileira.

Esse conjunto de experiências pretéritas que tem marcado os negros e as negras do país também forjou sua identidade na dureza férrea da vida. Como nos diz de maneira concisa a personagem Vovó Nanã, da obra *Vovó Nanã vai à escola* (FONSECA, 2009, p. 41, grifo no original): “Só podemos amar o que conhecemos. Só podemos formar nossa **identidade** com aquilo que conhecemos”. Isso significa que grande parte da estrutura sociocultural e psíquica da população negra brasileira, os elementos constituintes de sua identidade e o que tem formado seu sentimento de pertencimento a uma comunidade estão vinculados ao que se conhece e ao que se sente, portanto são questões que envolvem fatores objetivos e subjetivos, materiais e simbólicos, histórico-culturais, semânticos e linguísticos, literários e políticos. Fatores que foram pautados pela escravização de quase quatrocentos anos e as escravizações contemporâneas, floreadas ideologicamente de republicanas, que continuam a submeter negros e negras a uma condição social de excluídos da direção da ordem econômica e política, mesmo sendo os protagonistas centrais de uma trama social criada por sujeitos exógenos da terra sem males, após o ano de 1500, brancos ou quase brancos eram e continuam a portar e a preservar com o sangue e o suor de muitos o privilégio da branquitude.

A literatura negra brasileira está vinculada a essa identidade-memória de denúncia, mas também anuncia a existência de uma possibilidade de expressão não pautada na branquitude. Essa literatura propõe uma vida comunitária alicerçada na solidariedade, na fraternidade, na cumplicidade e na identidade e tem demonstrado, no decorrer desse processo, muitas experiências aportadas na resistência e na arte quilombolas, bem como nas práticas dos antepassados que tinham na concepção ubuntu do mundo seu meio, seu centro e a razão de sua existência social.

Essa perspectiva, que propiciou um sentimento de pertencimento à comunidade de interesse, de afeto e de destino, traduziu-se pela ação sistêmica de diversos



poetas, ficcionistas, prosadores e contistas identificados com a literatura negra no III Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, ocorrido em 1987, no SESC da cidade serrana de Petrópolis (RJ). Esse evento que agora comemoramos, depois de mais de 30 anos, propôs aos presentes elaborarem, com base em sua arte escrita, uma fala que fosse não contrária às nossas raízes, ao nosso jeito de fazer uso da palavra falada, o que desde então nos obrigou, bem como a todos os presentes, a continuarmos nossa marcha/trajetória de criação de uma literatura negra que fosse amplamente divulgada, sentida e debatida, além de apresentada performaticamente.

Todavia, a questão maior que envolveu esse evento nacional foi a constituição de um projeto político-cultural de cunho literário que pudesse reunir, com mais assiduidade, diversos autores negros, de diferentes gerações, entre eles alguns dos que participaram da Frente Negra Brasileira na década de 1930 e outros que fundaram o coletivo cultural Quilombhoje, bem como integrantes do Grupo Palmares, mas a maioria vinha de experiências e localidades distintas do país, de suas diferentes regiões, com o nítido fito de intercambiar experiências, apresentar trabalhos e reflexões, a maioria não era formada pelos cursos de Letras, mas pelas áreas das Humanidades. O que nos juntava ali era a necessidade de pensarmos na constituição de um projeto nacional em que a literatura negra se mantivesse independente e autônoma, sem capitães do mato, capatazes ou feitores a nos dizer o que escrever e falar; nem financiadores para nos calar ou branquear nosso ato de pensar e de nos expressar pela veia literária.

Enfim, a literatura negra brasileira, como demonstramos neste artigo, está articulada ao contexto escravista e ao racismo presente em nossa sociedade. Ela é uma literatura marcada pela revolta, pelo protesto, como nos ensinou Carlos de Assumpção (2000), e tem razão para ser assim. Ela tem uma causa social e faz sua militância política pela via literária.

O fundamental é que ela não foi e não é isolacionista, ela se vinculou ao processo histórico das diferentes sociedades que viveram o contexto do escravismo antes do século XIX e dos racismos e outras violências depois do século XX, que atingiram as sociedades do continente americano, do africano e até mesmo do europeu. Portanto, a literatura negra brasileira nasceu como e com as outras já globalizadas pela luta imperiosa de denunciar o crime que é a desumanização produzida pelo colonialismo, pelas teorias raciais dos séculos anteriores e pelos racismos e genocídios contemporâneos.

Hoje, em pleno século XXI, ela se ramifica e encontra seus ecos na denúncia das diferentes mazelas sociais, daí o fato de termos Carolina Maria de Jesus nos vestibulares de três das maiores universidades do país – USP, Unicamp e UFRGS<sup>5</sup> – em 2017, ano em que se completam 40 anos da morte da escritora, e Chimamanda

---

<sup>5</sup> Siglas da Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, respectivamente.



Adichie como convidada da Festa Literária Internacional de Parati (FLIP) em 2008. Isso significa que, embora nem todos tenham alcançado a visibilidade dos holofotes, os que conseguiram/conseguem furar os bloqueios midiáticos honram o desafio de serem intelectuais da negritude e de manterem seu destino de preservar incólume a concepção da literatura negra, ou seja: desnudar a crítica dos óbvios e perseverar em sua marca-identidade – o protesto, a revolta, o inconformismo. Assim, como na prece de Fanon (2008), fazemos nossa última...

### Súplica

E nègre sermos...!  
Enegrecermos os caminhos!  
Eis nossa função.  
(FONSECA, 1988, n. p.).

FONSECA, D. J.; FONSECA, S. L. F.; JESUS, T. E. T. Wo/man: Our Black Bones of Darkness/light. *Itinerários*, Araraquara, n. 46, p. 15-33, jan./jun. 2018.

- **ABSTRACT:** *This article aims to approach in an analytical, interpretive and reflexive manner the role of black literature and of the intellectuality that produces it in Brazilian society. It also approaches the sociocultural place of resistance/existence in this creative process, especially in the dynamic and nonlinear trajectory that we can treat identity and memory. The last National Meeting of Black Poets and Fictionists, held in 1987 at SESC in Petrópolis (RJ) is our theoretical, epistemic and literary reference. This is the challenge of the black men and women in Brazilian society: informing, denouncing, announcing and inspiring from what they write, because they have always written and inspired so many others such as Gregório de Matos and Jorge Amado in the past; also to elaborate a literature about black people, as a result of the past experiences that have made them, by crooked lines, denounce the transparent violence that existed in the past, a target of this enslaving, racist, sexist, criminal and xenophobic country - even to the native of the land - and especially to those who built it from the subsoil to the highest and most luxurious skyscraper of the Vieira Souto (RJ) and Paulista (SP) avenues and the Esplanada dos Ministérios (DF).*
- **KEYWORDS:** *Black literature. Colonialism. Literature of/about black people. Racism. Resistance.*

## REFERÊNCIAS

- ACHEBE, C. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Autores africanos, 17).
- ADICHIE, C. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AGOSTINHO NETO. Civilização ocidental. In: \_\_\_\_\_. **Sagrada esperança**. São Paulo: Ática, 1985. p. 31 (Coleção Autores africanos, 24).
- ALVES, C. Navio negreiro. In: CALMON, P. **Para conhecer melhor Castro Alves**. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- AMADO, J. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSUMPÇÃO, C. de. **Quilombo**: poemas. Franca: Editora da Unesp/Autor, 2000.
- BALDWIN, J. **Numa terra estranha**. Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1996 [1951].
- CHIZIANE, P. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CRUZ E SOUSA, J. da. **Poesia completa**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/ Governo do Estado de Santa Catarina, 1981.
- CUTI. ExploVIVO. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (Orgs.). **Poemas afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2004. (Cadernos negros, 27). p. 26.
- \_\_\_\_\_. Torpedo. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (Orgs.). **Poemas afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2004. (Cadernos negros, 27). p. 28-30.
- ELLISON, R. **Homem invisível**. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da UFBA, 2008.
- FERREIRA, S. de L. **O adolescente autor de ato infracional no centro (Estados Unidos da América) e na periferia (Brasil) do capitalismo**. 2007. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

- \_\_\_\_\_. **Adolescentes negros**: entre a inclusão e a resistência, a prática de atos infracionais. 2010. 179 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- FONSECA, D. J. Casa BRanca. In: \_\_\_\_\_. **Lírios cálidos**. São Paulo: Massao Ohno, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Negros corpos (i)maculados**: mulher, catolicismo e testemunho. 2000. 444 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. Súplica. In: FONSECA, D. J.; MALAQUIAS, T. **Melanina**. São Paulo: Scortecci, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Vovó Nanã vai à escola**. São Paulo: FTD/CEERT, 2009. (Coleção Mãe África).
- \_\_\_\_\_. **Você conhece aquela?** A piada, o riso e o racismo à brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HALEY, A. **Raízes**: a saga de uma família. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2015.
- MATOS, G. de. **Sátira**. Rio de Janeiro: Agir, 1985. (Coleção Nossos clássicos, 113).
- MORRISON, T. **Compaixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).
- SARTRE, J-P. **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- WRIGTH, R. **Filho nativo**. São Paulo: Best Seller, 1987.
- XAVIER, A. Preâmbulo. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.). **Poemas afro-brasileiros**. São Paulo: **Quilombhoje**, 2004. (Cadernos negros, 27). n. p.

